

Comunistas e surrealistas: estudo sobre a recepção política da tese de Jacques Lacan

José Guilherme Nogueira Passarinho¹

Fúvia Fernandes Pereira²

Silvio José Benelli³

Resumo

A tese de doutoramento em medicina de Jacques Lacan, *Da Psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, publicada em 1932, foi lida e comentada por integrantes dos movimentos comunista e surrealista antes de receber atenção dos campos médico e psicanalítico. Neste artigo, analisamos a recepção política da tese de Lacan no período de sua publicação, entre 1932 e 1933, composta de três textos: “Notes de lecture”, de Paul Nizan; “Compte rendu de lecture”, de Jean Bernier; e “Notes en vue d’une psycho-dialectique”, de René Crevel — todos de 1933. Constatamos que esses textos foram escritos da perspectiva do materialismo histórico e tenderam a ler as proposições lacanianas como uma espécie de crítica da ideologia nos campos do estudo científico da subjetividade. Nesse sentido, tentamos formular a hipótese de que a recepção política de sua tese teria sido parte dos fatores que influenciaram alguns dos encaminhamentos teóricos de Lacan, especialmente a elaboração de sua teoria da constituição imaginária do Eu.

Palavras-chave: Lacan. Psicanálise. Política. Ideologia.

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, linha de pesquisa Políticas Públicas e Produção de Subjetividades: processos clínicos e institucionais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001. Mestre em Psicologia e Sociedade pela Unesp. Membro do Laboratório Transdisciplinar de Interação-Pesquisa em Processos de Subjetivação e Subjetividade da saúde (LATIPPSS), inscrito no CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5076-412X> E-mail: jgn.passarinho@unesp.br Instagram: @guilherme.nogueira.562

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, linha de pesquisa Fontes Primárias e História Literária. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n. 2025/04058-0. Mestre em Letras pela Unesp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9853-2595> E-mail: fuvia.fernandes@unesp.br Instagram: @fernandesfuvia

3 Livre docente em Psicologia Clínica pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professor associado do Departamento de Psicologia Clínica do curso de graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, linha de pesquisa Políticas Públicas e Produção de Subjetividades: processos clínicos e institucionais. Coordenador do Laboratório Transdisciplinar de Interação-Pesquisa em Processos de Subjetivação e Subjetividade da saúde (LATIPPSS), inscrito no CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8394-9331> E-mail: silvio.benelli@unesp.br

Introdução

A primeira intervenção de Jacques Lacan no cenário intelectual francês foi a publicação, em 1932, de sua tese em medicina, intitulada *Da Psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Algo dissonante em relação à psiquiatria da época, especialmente a francesa, esse trabalho atraiu leitores de outros campos além do estritamente médico, sabidamente dos campos artístico e político, sobretudo por meio de figuras ligadas aos movimentos surrealista e comunista. Neste artigo, analisaremos a recepção política da tese de Lacan no período de sua primeira publicação. Apresentaremos ainda algumas hipóteses sobre os possíveis efeitos que essa recepção teria produzido em seus trabalhos posteriores.

A tese de Lacan apareceu em um momento em que a psiquiatria francesa se caracterizava pela hegemonia das teorias constitucionalistas, de viés fortemente organicista e pouco receptiva ao pensamento freudiano. A exceção vinha de um pequeno grupo de psicanalistas que em 1926 fundou a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) sob a égide do saber médico (Roudinesco, 1989). No mesmo período, paralelamente à resistência que enfrentava entre os psiquiatras, a psicanálise se tornava objeto de interesse de uma geração de artistas com acentuada inclinação política de esquerda, destacadamente aqueles ligados ao movimento surrealista (Roudinesco, 1988). Lacan, que, além de médico de formação, nesse período também frequentava os surrealistas, transitou entre essas duas vias de introdução da psicanálise na França (Roudinesco, 2008). Sua estreia nesse cenário, contudo, parece ter recebido uma acolhida bastante diversa por parte de cada um desses grupos.

Uma documentação bastante exaustiva sobre a recepção da tese foi reunida nos anexos do livro *Paranoia: Marguerite ou a “Aimée” de Lacan*, de Jean Allouch (1997), que conta com uma versão em português traduzida por Dulce Duque Estrada. Nele são enumerados 28 textos publicados entre 1932 e 1988 que comentam a tese de Lacan, divididos em dois grupos: “acolhida da tese na psiquiatria e disciplinas afins” e “acolhida da tese fora do campo especializado”. Destacamos que o segundo pode ser dividido em outros dois grupos: acolhida do campo artístico e acolhida do campo político. Nosso interesse é estudar a recepção política do trabalho *princeps* de Lacan no momento de sua publicação, entre 1932 e 1933. Com esse recorte, selecionamos três textos: “Notes de lecture”, de Paul Nizan; “Compte rendu de lecture”, de Jean Bernier; e “Notes en vue d’une psycho-dialectique”, de René Crevel — todos de 1933. Encontramos em acervos virtuais as edições originais digitalizadas e traduzimos cada um desses textos, sempre cotejando com a versão de Duque Estrada.

Os materiais selecionados para a análise, portanto, são resenhas e comentários sobre a tese anteriores aos primeiros seminários de Lacan, situados entre 1951 e 1952. Antecedentes, também, à primeira versão de “O estádio do espelho como formador da função do Eu”, de 1936, outro marco para o início de suas intervenções no campo psicanalítico. O recorte está conforme nosso interesse em estudar o primeiro tempo do percurso lacaniano, período eminentemente preparatório de seu ensino, situado antes de sua tomada da palavra para reelaborar a *práxis* analítica. Esse intervalo de quase 20 anos que separa a publicação da tese do início de seus seminários é amplamente considerado um período formativo para Lacan (Roudinesco, 2008; Safatle, 2017; Simanke, 2002). Naquela época, inicia sua análise com Rudolph

Loewenstein e sua formação na SPP. Outros acontecimentos marcantes daquele período são o seu engajamento nos seminários sobre filosofia hegeliana ministrados por Alexandre Kojève e seu encontro com o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure. Nesse sentido, buscamos investigar se também a recepção da tese teve algum valor formativo para Lacan e indagar sobre o impacto que pode ter exercido em seus trabalhos posteriores.

Quanto ao método empregado para este estudo, não deixa de ser psicanalítico. Seguimos as indicações de Elia (2023), que defende a unidade metodológica da psicanálise. Seja na prática clínica, seja na acadêmica, o que está sempre em jogo é uma transferência e aquilo que ela desencadeia em termos de movimentos de perlaboração (*durcharbeiten*) do saber em direção a uma verdade não-toda, relacionada com a posição subjetiva do sujeito diante do desejo. Ora, é por meio de uma transferência com a figura de Jacques Lacan que podemos elaborar algo da ordem de um conhecimento sobre o seu percurso. Conhecimento que se pretende rigoroso, transmissível, conforme as exigências gerais do campo científico, mas sem que isso deixe de implicar, simultaneamente, a perlaboração de um saber idiossincrático sobre nossa própria posição subjetiva e economia desejante, que de alguma forma nos conduziu para esta investigação.

A ciência da personalidade

Sob orientação de Henri Claude, Lacan defendeu sua tese de doutorado em medicina no ano de 1932. O tema escolhido inclui uma categoria nosológica, a psicose paranoica, e um conceito psicológico, a personalidade. O objetivo de seu trabalho consistia em relacioná-los do ponto de vista etiológico, argumentando que a causalidade da psicose paranoica deveria ser buscada no desenvolvimento da personalidade. Dessa maneira, Lacan se posicionava a favor de uma concepção psicogênica da paranoia, contrária ao organicismo dominante no período. Em vez de justificar suas posições teóricas pela análise de um conjunto de casos, o jovem psiquiatra escolheu estudar de maneira “tão integral quanto possível” apenas um deles, o que lhe pareceu ser o “mais significativo” diante de suas hipóteses (Lacan, 1932/1987, p. 148). Assim, o famoso caso Aimée foi estudado nesse trabalho na forma de uma extensa monografia, na qual as determinações de sua psicose aparecem referidas aos dramas da vida dela.

A tese se divide em três partes: uma revisão teórica sobre o problema da psicose paranoica segundo a tradição psiquiátrica; a monografia de estudo do caso Aimée; e uma exposição crítica das consequências doutrinárias das posições expostas na tese, na qual o jovem psiquiatra pretendia nada menos do que lançar as bases do que seria uma nova ciência da personalidade. Se a primeira parte parece seguir de perto os preceitos da norma acadêmica, que não poderia ser completamente ignorada, as duas seguintes destoam quando comparadas com outras teses universitárias daquele período, seja pelo caráter inusitado de uma argumentação sustentada em somente um caso, seja pela ambição de inaugurar uma ciência que revolucionaria a psiquiatria. A escolha de tal estrutura, contudo, não foi imotivada e adquire sentido pelo caráter dos debates em que pretendia intervir.

Ao defender a psicogenia dos quadros psicóticos, Lacan tomou posição em uma polêmica sobre o estatuto do objeto próprio à psiquiatria. Se a medicina se constituiu como

disciplina científica ao objetificar a doença na visibilidade da superfície tissular, de acordo com o modelo anatomopatológico de Bichat, complementado pelo recurso à fisiologia (Foucault, 1980/2008), a psiquiatria, por outro lado, sempre teve de enfrentar as dificuldades de uma clínica que apresenta uma série de fenômenos que não se conformam a esse modelo (Dunker, 2011). A doença mental aparece, portanto, como um problema epistemológico que se coloca nos próprios termos que a nomeiam: como pode ser doença algo que não é da ordem dos tecidos orgânicos, mas da mente?

Historicamente, as tentativas de solucionar esse impasse passaram ora por um apelo ao organicismo, ora pelo paralelismo psicofísico. Esse último inclui as concepções psicodinâmicas que Lacan parece aderir em sua tese, mas não sem buscar apresentar uma versão própria. Assim, esse trabalho passa tanto por uma crítica intransigente contra o organicismo quanto pela reformulação desse paralelismo no sentido do reconhecimento de uma ordem de determinação específica dos fenômenos psíquicos (Ogilvie, 1991). Com efeito, Lacan (1932/1987) chega a opor o que ele chama de um “falso paralelismo psicofísico” (p. 36) a outro que seria o único realmente “digno desse nome”, no qual a subjetividade não seria paralela “aos processos da neuraxe, nem mesmo apenas ao conjunto dos processos somáticos do indivíduo”, mas sim “à *totalidade constituída pelo indivíduo e por seu meio ambiente próprio*” (p. 345, grifos do autor). A essa totalidade vem responder o conceito de personalidade.

Esse conceito é tomado por Lacan (1932/1987, p. 2) como uma função de “síntese psíquica”, que pode ser definida por uma tríade composta por um “desenvolvimento biográfico”, uma “concepção de si mesmo” e uma “certa tensão das relações sociais” (p. 31). Ao estabelecer uma articulação entre essas três dimensões para compor uma visada dos fenômenos psíquicos como totalidade, nosso autor se opõe ao que podemos chamar de “elementarismo psicológico” (Simanke, 2002, p. 127), isto é, à tendência em objetificar a subjetividade em uma série de categorias elementares, as conhecidas faculdades psicológicas, que Lacan (1932/1987) não hesita em chamar de “faculdades abstratas” (p. 268). Já encontramos na tese, portanto, um princípio da crítica à psicologia que se prolongará por toda a obra lacaniana, apresentada nesse momento de maneira mais explícita quanto aos seus fundamentos e orientações, quando comparada com as afirmações mais generalistas feitas posteriormente.

Com efeito, a nova ciência da personalidade pretendida por Lacan pode ser lida como uma tentativa de reformar a psicologia. Como em Politzer (1928/1998), tratava-se de criar uma “psicologia concreta”, termo que aparece na tese de Lacan (1932/1987, p. 321), embora este não apresente uma referência explícita ao programa epistemológico politzeriano⁴. Essa reforma seria necessária para estabelecer uma ordem de determinação própria aos fenômenos psíquicos, maneira de garantir uma base objetiva para a prática psiquiátrica, como a fisiologia havia oferecido ao restante do campo médico (Simanke, 2002). Vemos, assim, como a crítica lacaniana à psicologia não se limitava à simples negação, comportando um aspecto positivo,

4 Mariguela (2007) apresenta a hipótese de que a ausência de referência explícita a Politzer se deve ao fato de ele desempenhar, na tese, uma função-autor, no sentido foucaultiano do termo. Em outras palavras, Politzer seria o fundador da discursividade em que Lacan teria se lançado, tornando supérflua a necessidade de citação.

uma espécie de programa epistemológico assumido por Lacan. Este só seria abandonado quando de sua passagem definitiva para o campo psicanalítico, no qual finalmente encontraria as condições para formalizar uma ordem de causalidade especificamente psíquica. Mas não mais pela via de uma reforma da psicologia, e sim pela teoria do significante e seu modelo do inconsciente estruturado como linguagem.

Em sua teoria da personalidade, o desenvolvimento biográfico é entendido como uma sucessão de eventos vividos, uma série de experiências (*Erlebnis*) que compõe a história de um sujeito. Formulação que se aproxima da fenomenologia tanto quanto se afasta do pensamento freudiano, uma vez que esse último mobiliza o conceito de fantasia para explicar os modos de apreensão da história de cada um. Em sua tese, Lacan (1932/1987) aponta que esse desenvolvimento “se traduz para o sujeito segundo os modos afetivos sob os quais ele vive a sua história” (p. 31). Essa historicidade seria legível no plano das relações de compreensão, conceito jasperiano que, na escrita de Lacan, adquire o sentido de uma significação imediatamente acessível em um dado contexto sociocultural.

Por outro lado, a concepção de si mesmo é formulada em termos que remetem diretamente à teoria psicanalítica, especialmente à segunda tópica freudiana. Ela consiste nas imagens ideais assumidas por um sujeito ao longo de sua história; algo muito próximo do conceito de ideal do eu, entendido como o resultado de uma série de identificações com imagens externas. As imagens incorporadas pela personalidade correspondem àquelas que têm destacado valor social e afetivo, como as imagens parentais. Dessa maneira, Lacan (1932/1987) reconhece a possibilidade de uma “tensão interna” (p. 28) à estrutura resultante dessas identificações, de uma contradição entre o eu real e as formas mais ou menos idealizadas de concepção de si segundo essas imagens. É esse ponto da tese, com sua problemática sobre a imagem, que o levará a se engajar em uma revisão da teoria freudiana do narcisismo, cujo resultado será sua famosa teoria do estádio do espelho.

Para completar essa primeira tríade lacaniana, a chamada tensão das relações sociais pode ser definida como a significação ética assumida pelo sujeito dos elos de sua participação na vida social, bem como os efeitos afetivos que daí decorrem. Trata-se do “valor representativo pelo qual [o sujeito] se sente afetado em relação a outrem”, objetivado por uma certa “autonomia da conduta” (Lacan, 1932/1987, p. 31). Em outro momento, essa tensão social é também descrita como a “influência do meio” sobre o desenvolvimento da personalidade, que se traduz em uma “apreciação ética da luta pela vida” (p. 92). Lacan dá grande importância à dimensão social, pois seria justamente ela que permitiria uma apreciação objetiva, é dizer, científica dos fenômenos da personalidade. É por essa via, então, que o pensamento antropológico faz sua entrada no itinerário lacaniano. Como assinala Simanke (2002), “tudo se passa como se Lacan visse na antropologia . . . um solo comum em que psiquiatria e psicanálise pudessem encontrar sua fundamentação” (p. 99). Assim, o ponto de vista social incide sobre as três funções da tríade da personalidade, tornando legível o desenvolvimento biográfico e orientando o idealismo das concepções de si.

O que Lacan pretendia evitar com essa teoria é aquilo que Allouch (1997) chama de “golpe da endogenia” (p. 467), que a psiquiatria teria aplicado ao conjunto das experiências da loucura. Espécie de corolário da organogênese, esse golpe consiste na imposição —

“puramente mítica” (Lacan, 1932/1987, p. 316) — de uma causa interna para a psicose. Se a lesão orgânica é sua figura mais comum, as hipóteses de uma constituição paranoica e de processos psíquicos autônomos compõem essa mesma mitologia. O problema encontrado em cada uma dessas hipóteses é o de “retirar todo valor humano às manifestações da psicose” (Allouch, 1997, p. 465). É por isso que Lacan (1932/1987) insiste tanto em uma “gênese social da personalidade” (p. 210), em uma ordem de causalidade ao mesmo tempo exógena e humanamente significativa dos fenômenos subjetivos. É a concepção de interioridade psíquica que é atacada por Lacan nesse momento, muito antes de ele dispor das ferramentas topológicas que empregará para conduzir essa crítica no interior do campo psicanalítico.

A escolha da psicose paranoica se orienta por essas coordenadas conceituais. Em toda a nosografia psiquiátrica das psicoses, são as formas paranoicas que parecem oferecer as melhores perspectivas para a visada proposta por Lacan. O nome de Kraepelin, cujos estudos clínicos do prognóstico de quadros paranoicos o teriam levado a admitir a possibilidade de sua origem psicogênica, é evocado para justificar essa escolha. Após situar a nosologia em seu trabalho na linhagem kraepeliana, Lacan (1932/1987, p. 91) propõe que a psicose paranoica seria uma reação da personalidade a acontecimentos socialmente significativos na vida do sujeito. Nesse ponto, cita elogiosamente os trabalhos de Kretschmer e Bleuler, por demonstrarem o valor causal das experiências traumáticas. Por sua vez, a concepção da psicose como reatividade o conduz diretamente à teoria psicanalítica, especialmente aos trabalhos de Abraham e Fenichel, nos quais encontra o conceito de fixação (Lacan, 1932/1987, pp. 256-259). As reações da personalidade a determinados eventos vitais resultariam em uma fixação no desenvolvimento libidinal, que explicaria a tônica dos fenômenos delirantes. No cerne da psicose, o jovem psiquiatra situa um conflito de natureza ético-sexual, colocando-se, assim, na trilha da descoberta freudiana.

Mais do que o aspecto eclético de suas construções teóricas, que não está presente apenas nesse trabalho de Lacan, é importante notarmos que, em uma França ainda fortemente refratária ao pensamento alemão, ele não hesitou em incorporar a tradição psiquiátrica germânica na nova doutrina que se propôs a elaborar em sua tese. Ainda que não rejeite inteiramente a tradição francesa, empregando, por exemplo, observações tomadas de Janet ou fazendo menções elogiosas à escola de Henri Claude, Lacan provavelmente estava consciente de que enfrentaria dificuldades de recepção por causa do germanismo tão patente em seu trabalho. Daí a importância de embasar suas proposições na análise clínica rigorosa de um caso de psicose paranoica.

O caso Aimée

Ao longo de aproximadamente um ano e meio, Lacan se encontrou com uma paciente que chamou de Aimée. O cenário era o Hospital Sainte-Anne, onde estava internada após uma breve temporada na prisão. Aimée havia desferido um golpe de faca contra uma famosa atriz, Huguette Duflos. Conforme a paciente, Duflos fazia parte de um complô para assassinar seu filho. Após ferir superficialmente a atriz, Aimée foi levada ao presídio e, posteriormente, ao Hospital Saint-Lazare, onde foi diagnosticada como psicótica com “delírio sistematizado de

perseguição à base de interpretação com tendências megalomaniacas e substrato erotomaniaco” (Lacan, 1932/1987, p. 150). De lá, vai para Sainte-Anne, onde se encontrou com Lacan.

O nome verdadeiro de Aimée era Marguerite Anzieu, nascida em 1891 em Chauvignac, interior da França. Essa mulher de origem camponesa havia se mudado para Paris alguns anos antes do atentado, já sob influência de seu delírio, para se tornar romancista. Seus trabalhos artísticos eram considerados uma defesa contra seus perseguidores — “se ela conseguir publicar seus romances, seus inimigos recuarão assustados”, diz Lacan (1932/1987, p. 167), comentando o lugar da produção literária em seu sistema delirante. Um ano antes, Lacan (1931/2024) havia publicado um artigo sobre escritos artísticos de pacientes psicóticos, o que certamente contribuiu para que se interessasse pelo caso de Marguerite, essa “namorada das palavras” (Lacan, 1932/1987, p. 190), como ela mesma se chamava. Lacan teve acesso a dois romances escritos pela paciente no auge de seu delírio. De um deles, *Le Detracteur*, extrai o significante “Aimée”, a protagonista da trama, vista pelo jovem psiquiatra como um *alter ego* de sua paciente.

O sistema delirante de Marguerite se baseava na ideia de que o filho estaria ameaçado por um complô de atrizes, escritores e editores. Também se relacionava com a convicção de que ela teria uma missão a desempenhar no mundo, em suas palavras, “um ideal, uma espécie de apostolado, o amor ao gênero humano” ao qual ela “subordinava tudo” (Lacan, 1932/1987, p. 175). Ela acreditava dever realizar na terra “a fraternidade entre os povos e as raças”, o “reino das mulheres e das crianças” (pp. 163-164). Seria para impedir essa missão que os artistas visavam à morte de seu filho. São esses os temas de perseguição e grandeza que fornecem o tom principal do delírio. Sobre a erotomania, tema menor de sua psicose, Marguerite acreditava-se amada pelo Príncipe de Gales. Enviava-lhe poemas apaixonados, esperando disso alguma proteção.

A psicose de Marguerite se desencadeou com sua primeira gravidez, dando à luz uma criança natimorta. Tendo recebido uma ligação de uma grande amiga logo após o trágico acontecimento, intuiu que esta deveria ser a responsável por esse mal. Esse momento é chamado de “expansão delirante”, no qual Marguerite teria sido “repelida” pelas pessoas próximas a ela, deixando-a “hostil, fechada, muda durante longos dias” (Lacan, 1932/1987, p. 156). Pouco tempo depois, contudo, engravidou mais uma vez, dando à luz um menino saudável. Esse menino era Didier Anzieu, que mais tarde se tornaria psicanalista e discípulo de Lacan, tendo passado por seu divã antes de se tornar opositor de suas ideias⁵.

Ao examinar sua paciente, Lacan constatou a ausência de qualquer sinal de lesão orgânica ou déficit psicológico. Sua inteligência se mostrou “acima da média de testes utilizados no serviço asilar” (Lacan, 1932/1987, p. 173). Qualquer hipótese de origem orgânica para sua psicose foi, desse modo, descartada. A evolução benigna de seu quadro também aponta para a psicogênese, segundo os critérios de Kraepelin. Lacan parte, então, do esboço de sua nova ciência da personalidade para construir uma explicação do quadro clínico. O diagnóstico que

⁵ O livro de Allouch (1997) conta em detalhes a história dessa curiosa relação que se deu entre Lacan, Marguerite e Didier Anzieu. Ver também Roudinesco (2008) e o relato do próprio Didier Anzieu, entrevistado por Gilbert Tarrab (1986).

propôs foi o de “paranoia de autopunição”, categoria inédita que ele não pretendia incluir na “nosologia já tão pesada da psiquiatria” (p. 267). Assim, mais do que organizar uma semiologia abstrata para estabelecer uma nova categoria nosológica, tratava-se de descrever um caso concreto para compor um tipo clínico, cujo protótipo seria o de Aimée.

O sistema delirante de Marguerite é correlacionado, na interpretação lacaniana, com os eventos significativos de sua vida: a saída da casa da mãe, as primeiras aventuras amorosas, os lutos, o casamento, a gestação e o puerpério. Mas um evento anterior ao seu nascimento adquire valor decisivo. A primogênita de seus pais também recebera o nome de Marguerite. Aos cinco anos, essa criança morreu tragicamente. Aproximando-se demais da lareira, ela queimou diante dos olhos da mãe, que jamais se recuperaria desse acontecimento. Em tom persecutório, como o da paciente de Lacan, essa mãe acusou as vizinhas pela tragédia. No ano seguinte, deu à luz uma menina, que recebeu o nome da primogênita morta precocemente. Era a Marguerite que se encontrou com Lacan, que carregava em seu próprio nome o peso de um trágico destino. Sobre a mãe, ela dizia: “éramos duas amigas” (Lacan, 1932/1987, p. 219). Se o lugar de sua genitora era o de uma amizade, foi na figura de Élise, uma de suas irmãs mais velhas, que Marguerite encontrou alguém para assumir a função materna.

Eis o conflito familiar privilegiado pela leitura lacaniana do caso: a discordância de Marguerite com relação a essa irmã que a tomara sob seus cuidados. Tendo ficado viúva precocemente, Élise se mudou para a casa de Marguerite e do marido desta, assumindo os deveres domésticos que ela não conseguia exercer “adequadamente”. O conflito se intensificou com o nascimento de Didier. Para Lacan (1932/1987), essa irmã seria “a imagem mesma do ser que ela [Marguerite] é impotente para realizar” (p. 231), a visão idealizada que tinha de seu próprio eu, objeto de seu amor, tanto quanto de seu ódio — mesma posição ocupada pelas atrizes em seu delírio. Huguette Duflos não seria, portanto, mais que uma duplicação dessa irmã, contra quem realmente se dirigiria o ataque de Marguerite. Em última instância, ao atingir uma figura de sua própria imagem ideal, feria a si mesma.

A cura repentina do delírio, após algumas semanas de reclusão penitenciária, confirmaria a leitura lacaniana. Ao receber a sanção social devida pelo seu ato, as tendências autopunitivas oriundas do conflito com a irmã teriam se realizado, tornando supérfluo o sistema delirante. Nas palavras de Lacan (1932/1987): “Nossas premissas metódicas nos impunham, portanto, reconhecer na experiência da *punição*, o próprio objeto da *tendência* manifestada em todo o *ciclo*” (p. 318, grifos do autor). Não é à toa que ele evoca, da poesia de Baudelaire, a figura do *Heautontimoroumenos*, o carrasco de si mesmo, para ilustrar o tipo clínico que descobria com Marguerite. Lê-se no poema que leva esse título: “Eu sou a faca e o talho atroz! / Eu sou o rosto e a bofetada! / Eu sou a roda e a mão crispada, / Eu sou a vítima e o algoz!” (Baudelaire, 1985, pp. 308-309). Sem dúvida, não foi sem sensibilidade que nosso autor pôde encontrar uma enunciação poética tão adequada para o drama de sua Aimée.

Com efeito, a escrita lacaniana do caso não deixa de apresentar traços romanescos. Allouch (1997) aponta que, no próprio ato de censura para evitar a identificação dos envolvidos, certa inventividade literária se faz presente. Lacan nomeia Huguette Duflos como “Sra. Z”, ao passo que Aimée é a “Sra. A”, como quem diz que, nessa trama, tudo se passa entre duas mulheres. No mesmo sentido, a amiga de Marguerite que liga para ela após o

primeiro parto desta, tornando-se assim sua primeira perseguidora, é chamada de “C. de la N.”, que em francês é quase homófono a *c’est la haine* (“é o ódio”), oposto ao “amada” que traduz o nome Aimée. Com isso, quer indicar a ambivalência que caracteriza a relação de Marguerite com suas inimigas. Formulação precursora do famoso amódio (amor e ódio, do francês *hainamoration*) lacaniano, além de um belo exemplo do uso de homofonias da língua francesa, que mais tarde se multiplicaria em seu ensino.

Ainda conforme Allouch (1997), a escolha desses nomes nos informa sobre a relação transferencial que se estabeleceu entre Lacan e Marguerite. Ao recolher dos escritos de sua paciente o significante “Aimée” para nomear o caso, o jovem psiquiatra dá a saber o seu amor por ela, um “amor que se dirige ao saber” (Lacan, 1973/2003, p. 555). Se essa relação entre amor e saber é o que caracteriza a transferência analítica, é possível encontrar outros indícios da transferência que Lacan estabeleceu com Marguerite. Mais de 40 anos depois da publicação da tese, pouco antes de sua reedição pela Seuil, lemos as seguintes palavras de Lacan (1974/2018), nas quais sua paciente aparece como aquela que sabe, ao contrário dele:

Se há saber, se é possível levantar a questão sobre o saber, então é muito natural que *me hajam agarrado com isso*, porque a paciente de minha tese, o Caso Aimée, bem, *ela sabia*. Simplesmente ela confirma aquilo que vocês compreendem do que já comecei: ela inventava, o que não basta, claro, para assegurar, para confirmar que o saber se inventa, porque, como se diz, ela desvairava. Mas foi como essa suspeita me veio. Naturalmente, *eu não sabia* (p. 141, grifos nossos).

Esse enunciado indica o quanto a paciente encarnou, para seu médico, o lugar de suposto saber, o que não é sem efeito. Em mais de uma ocasião, Lacan (1966/2003) afirmou que foi esse encontro que o “conduziu à aventura freudiana” (p. 221). Quando retoma seus antecedentes, comentou desse saber que se inventa, que “se reverte em efeitos de criação. No caso de nossa tese (o caso Aimée), efeitos literários” (Lacan, 1966/1998, p. 70). Se está dito na tese que ele não empregou o tratamento psicanalítico nesse caso, provavelmente porque sua formação ainda era estritamente psiquiátrica, hoje sabemos que foi durante o período em que se encontrou com Marguerite que Lacan iniciou a própria análise (Roudinesco, 2008). Foi esse encontro com o saber psicótico como atividade artística que o conduziu da psiquiatria à psicanálise.

Nos escritos de sua paciente, Lacan soube reconhecer um saber. Mas se o saber estava do lado dela, que função teria desempenhado o médico nesse encontro? Allouch (1997) argumenta que, muito antes dessa noção ser explicitada por Lacan (1955-1956/1988), ele pôde assumir diante de Marguerite a função de secretário do alienado, porquanto não tomou sua loucura como figura da desrazão. Além de testemunhar a verdade enunciada pelo delírio, a função de secretário implica auxiliar o psicótico a encontrar alguma forma de inscrição de seu saber no laço social (Lacan, 1955-1956/1988). Daí a posição de Lacan diante dela: “ele publica os seus textos, escreve seu caso, afirmando este saber que ela inventa, inclusive como criação literária” (Allouch, 1997, p. 454). Mais do que isso, fez com que seus textos fossem reconhecidos por outros artistas, em especial pela vanguarda surrealista, para quem mostrou as criações de sua paciente antes mesmo de publicar sua tese. Junto de alguns marxistas e em contraste com o meio médico, esse foi o público que recebeu o trabalho de Lacan como

importante renovação da psiquiatria e os escritos de Marguerite como criações de inegável valor artístico.

Recepção política: surrealistas e comunistas

Pelo estilo de escrita, pelas referências utilizadas e as omitidas, bem como por seus objetivos explícitos, é seguro afirmar que, em sua tese, Lacan se dirigia sobretudo ao público especializado, aos seus colegas psiquiatras. A acolhida destes, entretanto, não foi das mais ruidosas. Salvo um relatório elogioso de seu amigo Henri Ey, publicado na revista *L'encéphale*, e uma resenha protocolar de Paul Giraud, publicada nos *Annales medique-psychologiques*, o meio médico manteve silêncio em relação a esse trabalho. Apesar de operar com conceitos freudianos e citar alguns psicanalistas franceses, os membros da SPP também não comentaram essa tese que, não obstante, se tornaria o marco de uma reintrodução do freudismo na França. Como observa Roudinesco (1988), são os “escritores e os jovens psiquiatras que se apercebem, antes dos psicanalistas, de que a elaboração de Lacan faz um rombo no campo do saber dominante” (pp. 132-133). Ao lado destes, um grupo de “marxistas oposicionistas” também percebe o acontecimento.

A recepção da tese de Lacan pode ser dividida entre estes três campos: médico, artístico e político. Analisaremos a recepção referente a esse último, na qual encontramos os comentários de escritores comunistas e um texto de René Crevel, ao mesmo tempo surrealista e marxista. Assim, selecionamos três textos que compreendem a totalidade dessa recepção: “Notes de lecture”, de Paul Nizan; “Compte rendu de lecture”, de Jean Bernier; e “Notes en vue d’une psycho-dialectique”, de René Crevel. Buscamos em acervos digitais as versões originais desses textos e realizamos sua tradução, que utilizaremos em nossa análise, inclusive nas citações, cotejando com as versões encontradas no livro de Allouch (1997) e traduzidas por Duque Estrada.

“Notes de lecture”, de Paul Nizan (*L’Humanité*, fevereiro de 1933)

Publicada em fevereiro de 1933 em *L’Humanité*, a nota de leitura de Paul Nizan é composta somente de três curtos parágrafos bastante elogiosos ao trabalho de Lacan. Nizan era um escritor de ensaios e romances de acentuado teor político, tendo sido lembrado por Sartre (1948/2004) como um exemplo de intelectual engajado. Seu comprometimento com o marxismo se traduziu em sua filiação, em 1927, ao Partido Comunista Francês (PCF), permanecendo até 1939. Daí sua colaboração no jornal comunista *L’Humanité*, fundado por Jean Jaurès em 1904 e que se tornou órgão oficial do PCF após a cisão entre comunistas e socialistas no Congresso de Tours em 1920.

Em consonância com o veículo de publicação, o texto de Nizan (1933) é escrito sob o signo do comunismo e elogia a tese por considerar que ela “traduz uma influência muito correta e muito consciente do materialismo dialético” (p. 4). Assim, o debate de Lacan com as teorias constitucionalistas é lido como uma espécie de crítica da ideologia da ciência psiquiátrica oficial, uma vez que “reage fortemente contra todos os idealismos que

atualmente corrompem todas as pesquisas em psicologia e psiquiatria” (p. 4). A tese é vista, portanto, como expressão de uma psiquiatria marxista que se insurgia contra os elementos ideológicos de seu campo, conforme sintetizado no último parágrafo da nota de Nizan: “O materialismo dialético triunfará sobre a ignorância dos sábios professores, aparecerá como o verdadeiro método do progresso científico. Um livro como este anuncia um importante combate científico” (p. 4).

O texto de Lacan parece ter causado uma forte impressão em Nizan, que escolhe escrever sobre ele em sua coluna de notas de leitura no *L’Humanité*, mesmo reconhecendo que seu gênero, uma tese acadêmica em medicina, é incomum naquele espaço. Essa decisão se deve à convicção do escritor comunista de que a tese expressa uma posição marxista em uma disciplina que ainda não havia sido influenciada por esse pensamento. Ele observa que “o doutor Lacan *ainda* não esclareceu todas as suas posições teóricas” (Nizan, 1933, p. 4, grifo nosso). Mas esse “ainda” parece indicar a esperança de que o jovem psiquiatra logo anunciaria sua filiação ao materialismo dialético. Nizan chega a colocar a hipótese de que a ausência de um posicionamento mais explícito nesse sentido deve-se às “precauções que deve tomar o autor de uma tese universitária” (p. 4).

É notável que um dos primeiros comentários sobre o trabalho de Lacan tenha sido tão marcado pelo pensamento marxista. A breve nota de Nizan, contudo, pouco nos informa sobre quais aspectos da tese foram relacionados com o materialismo dialético. Somente as críticas às correntes hegemônicas da psiquiatria são mencionadas. Mas é possível especular que as conexões causais estabelecidas entre fatores sociais e os fenômenos paranoicos tenham chamado a atenção do escritor comunista. Vejamos como os comentários de outros autores desse campo nos esclarecem sobre a leitura que fizeram das proposições lacanianas.

“Compte rendu de lecture”, de Jean Bernier (*La critique sociale*, setembro de 1933)

Em setembro de 1933, Jean Bernier publica seu “relatório de leitura” nas páginas de *La critique sociale*. Revista marxista fundada por Boris Souvarine em 1931, que circulou até 1934, reuniu entre seus colaboradores figuras como George Bataille, Simone Weill, Raymond Queneau, além do próprio Bernier. *La critique sociale* seguia as posições políticas de seu fundador: ex-membro do PCF, Souvarine se afastou do comunismo oficial sem renegar o marxismo. Jean Bernier tinha um histórico de posições políticas semelhante ao de Souvarine. Foi militante ativo do PCF, do qual se desfilou em 1929 após romper com o stalinismo. Jornalista e romancista, Bernier teve sua obra marcada pelo engajamento em lutas sociais. Escreveu também para a revista socialista *Clarté*, fundada por Henri Barbusse, na qual estabeleceu uma breve e frustrada colaboração com o movimento surrealista por meio da figura de André Breton (Nadeau, 1985).

O texto de Bernier é mais extenso que o de Nizan, somando três páginas quase completas na diagramação da revista. Sem dúvida, é um dos comentários mais detalhados dentre toda a recepção da tese de Lacan. Acima do texto, assinalando o tema em que se insere o relatório de leitura, aparece em negrito e fonte maior a palavra “Psicologia” (Bernier, 1933, p. 138). Ele começa situando os debates que fornecem o contexto teórico da tese,

destacando a proximidade das proposições lacanianas com a escola psiquiátrica alemã, bem como suas críticas ao constitucionalismo francês. A psicanálise é reconhecida por Bernier como o pensamento mais avançado que a tradição alemã produziu sobre a paranoia. Desse modo, localiza o trabalho de Lacan numa filiação direta dos de Bleuler e Freud.

Como a nota de Nizan, o relatório de Bernier situa a tese no âmbito do pensamento marxista, condizente com a leitura que faz da própria psicanálise: os conflitos libidinais aparecem para ele como “conflitos libidino-sociais (portanto ético-sociais)”, ao passo que seus desdobramentos constituiriam uma “dialética extremamente complexa”, que explicaria a vida mental “sob o ângulo essencialmente econômico do investimento (sucessivo, simultâneo, contraditório) de uma quantidade limitada de energia que oscila, por um lado, entre o sujeito e o mundo exterior e, por outro lado, no próprio sujeito” (Bernier, 1933, p. 139). Como o trabalho de Lacan é posto em continuidade direta com essa leitura do pensamento freudiano, Bernier (1933) afirma que:

Não é sem grande satisfação que vemos um jovem representante de nossa muito burguesa psiquiatria ilustrar a *concepção marxista da personalidade humana* e mostrar que, tanto na psiquiatria quanto na psicologia e em todas as ciências que têm o homem como objeto, há agora todos os motivos para refundar e enriquecer o humanismo realista (biologicamente, economicamente, sociologicamente realista) em nome do qual o materialismo histórico declarou guerra à civilização burguesa (pp. 139-140, grifos nossos).

Os motivos dessa designação se devem não somente ao “volume ideológico que [a tese] desloca”, mas sobretudo por ela “insistir muito felizmente nos dados sociais da personalidade normal ou patológica trazidos à luz pela psicanálise e em sua importância na etiologia de psicoses como a paranoia” (Bernier, 1933, p. 139). Para Bernier, portanto, o maior mérito do trabalho de Lacan é o de ter enfatizado “sistematicamente a importância do papel desempenhado pela realidade social no complexo determinismo da vida mental e, portanto, da personalidade” (p. 139). Nesse ponto vemos explicitadas as razões que levaram alguns marxistas a reconhecer nas proposições lacanianas uma expressão do materialismo histórico: além de elas representarem um importante combate ideológico contra uma psiquiatria que se “asfixiava na metafísica” (p. 138), elas propõem uma concepção etiológica da paranoia e outras entidades clínicas que as relacionam diretamente às instituições típicas da sociedade capitalista.

Bernier é ainda um dos poucos que formula uma crítica mais direta ao trabalho de Lacan, apontando para a escassez de propostas terapêuticas concretas. As indicações profiláticas que encontra na tese lhes parecem francamente insatisfatórias, como quando Lacan (1932/1987) propõe a integração de sujeitos paranoicos em uma “comunidade laboriosa” à qual se ligariam por meio de um “dever abstrato” (p. 280). Essa recomendação, que para o escritor comunista beira a alienação religiosa, é contrastada com outra, deduzida por ele como consequência lógica das premissas etiológicas propostas pelo jovem psiquiatra:

... depois de ter insistido tão escandalosamente na importância do “social” na etiologia das psicoses, [Lacan poderia] introduzir na “medicina da alma”, como princípio profilático, o insuportável espectro da revolução socialista, a única capaz de romper as

estruturas patogênicas reconhecidas (família, tabus, opressão e exploração de todos os tipos) (Bernier, 1933, p. 140).

Mas, ao contrário de Nizan, Bernier (1933) não toma Lacan como um psiquiatra prestes a declarar suas posições teóricas marxistas. Antes, ele o vê como alguém que “parece estar longe de suspeitar aonde seus pontos de vista podem e devem levá-lo” (p. 140). Lacan aparece, por assim dizer, como inconscientemente comunista, um marxista que não soube se reconhecer como tal. Seu trabalho teria o mérito de expor o caráter patogênico das formações sociais capitalistas, ainda que não tenha extraído disso uma denúncia explícita. O jovem psiquiatra não teria se livrado, na opinião de Bernier (1933), de uma atitude puramente objetiva “em relação à barbárie de nossos costumes”, que o teria levado a “limitar, inoportunamente, seu horizonte” (p. 140). Daí sua censura a Lacan por não ter atribuído maior importância, em sua análise do caso Aimée, a outros acontecimentos socialmente significativos da vida da paciente, como a recusa de seu marido em lhe conceder o divórcio ou a história de sua sexualidade infantil e a provável repressão de que teria sido objeto.

Apesar disso, Bernier (1933) deposita esperanças no jovem psiquiatra. Se Lacan não propôs uma profilaxia política do sofrimento psíquico, o escritor comunista considera que ele pode chegar a fazê-lo: “Essa abominação da desolação psiquiátrica, o autor não foi capaz de cometê-la *ainda*. Mas, ao que parece, não devemos nos desesperar com o fato de que ele a cometa um dia” (p. 140, grifo nosso). Pois, como questiona Bernier, Lacan “não tende, sem ter plena consciência disso, a fazer da *economia libidinal dirigida* o princípio futuro da psicologia?” (p. 140, grifos do autor). Trata-se, portanto, de uma interpretação freudo-marxista da psicanálise estendida à tese de Lacan. Esta apresenta elementos que, de fato, autorizam essa leitura. Afinal, em suas páginas, podemos ver o “materialismo histórico” ser evocado explicitamente para se opor ao “materialismo mecanicista” que assolava a psiquiatria (Lacan, 1932/1987, p. 315). Se é certo que Lacan não seguiu pelo caminho de um freudo-marxismo, a leitura de Bernier sobre seu trabalho de estreia não nos parece menos perspicaz por causa disso.

“Notes en vue d’une psycho-dialectique”, de René Crevel (*Le surréalisme au service de la révolution*, maio de 1933)

A meio caminho entre o campo político e o artístico, o texto de René Crevel ocupa uma posição *sui generis* na recepção do trabalho de Lacan. Sendo ao mesmo tempo surrealista e comunista, Crevel comenta a tese sob a dupla influência dessas duas correntes do pensamento crítico. O próprio veículo de publicação de seu texto é expressão desse compromisso: *Le surréalisme au service de la révolution* foi uma revista criada por André Breton que circulou entre 1930 e 1933, sucedendo a *Révolution surréaliste* e marcando a guinada desse movimento em direção ao comunismo. Fundada depois da experiência frustrada dos surrealistas com a revista socialista *Clarté* e no período em que muitos de seus membros ingressavam no PCF, essa publicação expressa uma espécie de conciliação entre o surrealismo e a política comunista (Nadeau, 1985). Se Breton, Crevel e outros haviam aceitado colocar o surrealismo a serviço da revolução social, eles nunca abriram mão da irredutibilidade de seu movimento. Assim, a revolução surrealista encontraria suas condições de realização na superação da sociedade

burguesa, mas jamais se reduziria inteiramente a ela. É esse o horizonte que se exprime nas páginas de *Le surréalisme au service de la révolution*.

Crevel foi um colaborador de primeira hora do movimento criado por Breton. No primeiro manifesto surrealista, seu nome figura entre os que “deram testemunho de surrealismo absoluto” (Breton, 1924). Como muitos de seus colegas, ingressou nas fileiras do PCF em 1930. Em 1935, no contexto da preparação do Congresso Internacional em Defesa da Cultura, quando a situação dos surrealistas no partido parecia conduzir a uma ruptura iminente, Crevel se esforçou para apaziguar os conflitos. Não obtendo sucesso depois de diversas tentativas nesse sentido, comete suicídio em junho daquele ano. Seu pai também havia tirado a vida em 1914 e muitos de seus escritos tematizaram o suicídio (Nadeau, 1985). Entusiasta da psicanálise, Crevel havia se deitado no divã de René Allendy, um dos únicos psicanalistas da primeira geração da SPP com posições simpáticas ao socialismo, embora marcado por um conservadorismo renitente no âmbito dos costumes (Roudinesco, 1988). Crevel era homossexual e não encontrou reconhecimento de sua sexualidade nem entre os surrealistas, tendo sido censurado por Breton nessa questão, nem com seu psicanalista, a quem criticou pelo conservadorismo em seu livro *Le clarecin de Diderot*. Sua análise, “tristemente conduzida por Allendy”, não lhe havia permitido “furtar-se ao trágico destino de seu pai” (Roudinesco, 1988, pp. 70-71). Quanto a suas posições sobre o marxismo e a psicanálise, entendemos que:

René Crevel mostra-se o mais freudo-marxista dos surrealistas. Seu engajamento no partido é, a um só tempo, mais político que o de Aragon e menos reservado que o de Breton. Ele é, igualmente, o único do grupo a empreender uma análise por razões que são ao mesmo tempo terapêuticas e guiadas pela preocupação de fazer o freudismo o instrumento de uma revolta contra as convenções burguesas . . . O freudo-marxismo de Crevel não tem por objetivo conciliar os princípios do marxismo com os da psicanálise, mas arrastá-la para uma perspectiva dialética que se apoie numa *teoria concreta da personalidade* (Roudinesco, 1988, pp. 70-71, grifos da autora).

Lacan (1946/1998, p. 169) não apenas se lembra de seu “caro Crevel”, como admite ter sido ele um dos artistas a quem mostrou “antes de todos” os escritos de Marguerite e que prontamente reconheceu neles um importante “valor literário”. Quando retoma seus antecedentes, comentando as “resultantes” do método que introduzira em sua tese, evoca o comentário de Crevel para ilustrar “o eco que elas tiveram no meio surrealista” (Lacan, 1966/1998, p. 69). Apesar de Lacan situar o texto de Crevel como o de um escritor surrealista, o seu comentário é igualmente marcado pelo engajamento político e seu compromisso com o marxismo. Crevel (1933) evidencia isso logo nas primeiras linhas de seu texto, nas quais enuncia a perspectiva da qual parte “De um ponto de vista dialético, do ponto de vista do materialismo dialético, trata-se de reduzir ao estado de recordação incompreensível as partições tão arbitrariamente estanques que ainda não deixaram de separar o mundo exterior do mundo interior” (par. 1).

A tônica de seu comentário, portanto, é política. Seu texto, à semelhança dos de Nizan e Bernier, tende a ler a tese de Lacan como expressão de um combate ideológico no que poderíamos chamar de campo *psi*: psiquiatria, psicologia e psicanálise. O próprio título de seu

artigo, “Notas para uma psicodialética”, indica essa direção. Publicado no quinto e penúltimo número de *Le surréalisme au service de la révolution*, em maio de 1933, o texto de Crevel é uma tomada de posição em uma série de debates epistemológicos, lidos pela perspectiva da crítica da ideologia. Nessa batalha teórica, as proposições lacanianas aparecem como um ganho de terreno do materialismo e da dialética contra as abstrações mecanicistas que dominavam a reflexão científica sobre a subjetividade. Crevel (1933) faz da tese de Lacan uma arma para atacar a “miséria da filosofia [tradicional], miséria geral e muito pronta a ameaçar, contaminar, esterilizar qualquer campo de investigação particular” (par.6).

Fortemente influenciado pela dialética, Crevel (1933) aponta para os impasses por meio dos quais o campo *psi* foi levado a se aferrar a uma série de dicotomias, como interior/exterior, sujeito/objeto, corpo/mente, indivíduo/sociedade, consciente/inconsciente. Sobre essa última, ele escreveu: “O consciente, tese. O inconsciente, antítese. Quando será a síntese? Puxado de uma direção a outra, o indivíduo não supera seu dualismo psíquico” (Crevel, 1933, par. 25). A psicanálise e seus desdobramentos são considerados aptos à superação dessas dicotomias. Nesse sentido, Freud é reconhecido como aquele que soube dar concretude para fenômenos psíquicos que antes só podiam ser objetos de uma reflexão metafísica sobre a dualidade corpo/mente:

Que ligação existe entre o pensamento em seu momento mais desencarnado e uma sensação, naqueles minutos em que o epitélio parece feliz o suficiente para não pensarmos em duplicá-lo com um eco? Hoje sabemos que a abstração geométrica mais implacável revela, prolonga, em toda a sua energia, desejos muito concretos. Freud merece o crédito por tê-lo descoberto (Crevel, 1933, par. 34).

A posição de Crevel sobre a psicanálise, entretanto, é nuançada pelas críticas que endereça a algumas de suas tendências. O principal problema, para ele, consiste no fato de que muitos psicanalistas tendiam a abstrair os sujeitos dos contextos sócio-históricos que os determinam em larga medida

... ao não situar socialmente seus pacientes, ou melhor, esta ou aquela família deste ou daquele paciente (uma vez que o paciente foi tão pertinentemente situado em sua família), ao não estudar as relações de uma família particular com a sociedade em geral ... , a psicanálise, ou melhor, os psicanalistas não nos deram o que tínhamos o direito de esperar (Crevel, 1933, par. 51).

O método empregado por Lacan em sua tese, especialmente em sua monografia do caso Aimée, aparece como uma solução para esse problema. Segundo Crevel (1933), a “ciência materialista, para sua psicodialética, necessita de monografias detalhadas, precisas, completas” (par. 52). E prossegue: “Caso contrário? Caso contrário, será a recaída em um materialismo mecânico do qual o próprio Freud parece singularmente ameaçado” (par. 53-54). Se nem mesmo Freud escapa às suas críticas, a figura de Lacan é antevista por ele como uma possível esperança para o futuro da psicanálise. Seu texto se encerra com estas palavras, que soam como uma convocação que não deixa dúvida quanto ao seu endereçamento a Lacan: “Ele [Freud] está cansado o bastante para se agarrar a seus bibelôs. Nós o desculpamos. Mas qual jovem psicanalista tomará a palavra?” (Crevel, 1933, par. 79).

Com efeito, a esperança que Crevel parece depositar em Lacan se deve muito à forma como este estudou o caso de Aimée. Seria graças a essa monografia que o jovem psiquiatra teria conseguido demonstrar o “caráter geral e social das psicoses que pareciam as mais particulares, as mais hermeticamente individuais, em sua expressão e em suas causas últimas” (Crevel, 1933, par. 47). A psicose paranoica aparece, então, como um “espelho ampliador” da personalidade, um “microscópio” que permite constatar “a interdependência dos fenômenos internos e externos” (par. 38). Como Bernier, Crevel parece ver nessas correlações estabelecidas pelo trabalho de Lacan, seguindo as descobertas psicanalíticas, uma confirmação do ponto de vista materialista dialético no estudo científico da subjetividade.

Sabemos da importância que os surrealistas davam para a experiência da loucura e as frequentes associações que fizeram entre ela e uma feminilidade exacerbada, ao mesmo tempo heroica e trágica. A figura da mulher que elogiam é a da “mulher revoltada, criminosa, paranoica ou homossexual, que não é mais a roupeira miserável de outrora, escrava de seu sintoma, e sim a heroína de uma nova modernidade” (Roudinesco, 1988, p. 35). Certamente, a Aimée de Lacan corresponde a essa imagem tanto quanto a Nadja de Breton. Sem fazer questão de esconder seu fascínio, Crevel (1933) escreve algumas das passagens mais inspiradas de seu artigo para ela:

Essa mulher é uma levedura que fermenta e condena a si mesma. Sua cólera agita os inconstantes tesouros das profundezas. Na superfície, a maré está baixa. Aqui está ela, sozinha, abandonada em uma praia deserta, no silêncio mortal de uma vida, de toda uma vida no limiar de uma atividade cujo livre exercício é praticamente proibido ao duplo proletariado das mulheres do povo, porque mulher, porque do povo (par. 41).

Aimée é ao mesmo tempo a heroína proletária revoltada com um mundo “que ela considera detestável a ponto de querer recriá-lo” e a escritora paranoica cujas “necessidades de solidariedade moral e intelectual foram violadas em todos os cantos” (Crevel, 1933, par. 40-41). A imagem que Lacan apresentou de Marguerite, portanto, ajusta-se bem às concepções surrealistas da loucura, da feminilidade e do marxismo. Não é por acaso que Paul Éluard e Salvador Dalí também renderiam homenagens a essa interna do Sainte-Anne, conferindo-lhe o reconhecimento como artista que até então lhe havia sido negado no laço social. Mas, ao contrário de Crevel, esses elogios não esboçam o menor posicionamento político. Crevel (1933) não deixa de destacar a “eloquência, o grande e sutil fascínio de seus escritos”, que “testemunham um valor poético intransigente” (par. 40). Mas o motor da inspiração de Aimée seria, para ele, justamente a discordância entre “a criatura e o mundo” (par. 40), ou, nos termos empregados por Lacan na tese, entre o indivíduo e o seu meio social. Assim, tanto a paranoia quanto as produções literárias de Aimée aparecem como signos de uma revolta contra o mundo burguês.

Possíveis reverberações no ensino de Lacan

A recepção política da tese de Lacan, composta basicamente por autores vinculados aos movimentos socialistas, mais especificamente comunistas, tendeu a interpretá-la como expressão do pensamento marxista no campo da reflexão científica sobre a subjetividade.

Essa leitura está baseada em dois aspectos desse trabalho: suas críticas ao que era visto como características metafísicas, poderíamos dizer, ideológicas, da psiquiatria, psicologia e psicanálise da época e as relações que a tese permitia estabelecer entre patologias mentais e tensões subjetivas causadas pelas instituições típicas das sociedades burguesas. Ora, esses dois aspectos correspondem ao que Althusser (1970/1996), comentando os textos de Marx, chama de teorias negativa e positiva da ideologia. Ou seja, a ideologia concebida, por um lado, como um sistema de ideias e representações que apresentam a realidade de maneira invertida — função de desconhecimento — e, por outro, como uma superestrutura institucional produtora de adesão, mas também palco de conflitos sociais. Podemos afirmar, pois, que a tese de Lacan foi tomada por esses leitores como uma espécie de crítica da ideologia.

Entretanto, notamos que nas páginas da tese não se encontram senão referências escassas que poderíamos remeter ao pensamento marxista. Em uma nota de rodapé, Lacan (1932/1987, p. 315) menciona vagamente o materialismo histórico como uma possível alternativa aos impasses criados pelo materialismo mecanicista em psiquiatria. Algumas páginas adiante, ele levanta, mas não avalia, a hipótese de que o prestígio social da imagem elevada por sua paciente ao estatuto de ideal, a da “vedete” de cinema ou teatro, estaria “ligado ao caráter particularmente abstrato e desumano do trabalho urbano e industrial, seja do operário na linha de montagem . . . ou da funcionária dos correios” (p. 324). Hipótese cujos termos remetem aos famosos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx (1844/2010). Além dessas duas passagens, que não têm nenhuma função decisiva no conjunto da tese, constatamos a ausência das categorias próprias do materialismo histórico. Disso decorrem duas perguntas: Qual o fundamento dos comentários dos autores marxistas que analisamos e, mais importante, eles teriam produzido algum efeito nos encaminhamentos teóricos de Lacan?

Sobre essas perguntas, podemos somente formular algumas hipóteses. Alguns autores destacaram a presença do projeto politzeriano no desenvolvimento da tese de Lacan (Mariguela, 2007; Safatle, 2017; Simanke, 2002). A crítica de Politzer (1928/1998) à psicologia abstrata e seu elementarismo, bem como seu chamado à construção de uma psicologia concreta, calcada nas experiências dramáticas em primeira pessoa, na totalidade de uma vida, introduzem categorias que, se não são específicas do materialismo histórico, são bastante valorizadas por esse pensamento. Se esse texto de Politzer não traduz ainda sua passagem definitiva para o marxismo, ele a antecipa em muitos de seus termos. Assim, é possível que seja o politzerianismo da tese de Lacan que tenha sido tomado como marxismo pela sua recepção política. O conhecimento científico que Politzer pretendia estabelecer na psicologia implica uma visada da totalidade de seu objeto, isto é, uma apreensão de seus aspectos concebidos somente em constante relação, nunca como elementos isolados. Daí sua designação como psicologia concreta, pois esse conjunto de relações constitui a complexidade dos fenômenos psicológicos, as múltiplas determinações que inscrevem o seu movimento no real. São diretrizes epistemológicas muito próximas do materialismo histórico e largamente incorporadas no trabalho de estreia de Lacan.

Ao tomar seu politzerianismo por marxismo, a recepção política do trabalho *princeps* de Lacan não incorre em um simples engano, fruto de confusão, como parece ser parcialmente a posição de Roudinesco (1988) quando diz que “recusar a antiga doutrina clínica não é aderir

ao marxismo, mas sim aceitar a primazia do inconsciente sobre a consciência” (p. 133). Ora, essa é uma colocação contestável, pois sabemos que Lacan, nesse momento, não parecia aceitar plenamente essa primazia e, seguindo sua inspiração politzeriana, via com reservas o conceito freudiano de inconsciente. Se existe certo mal-entendido na interpretação da recepção política da tese, ela não deixa de dizer algo de verdadeiro sobre esse trabalho, estivesse o seu autor ciente disso ou não. Certamente, Lacan não era um marxista em 1932 e, em sentido estrito, jamais o será. Mas existiam linhas de pensamento em sua tese cujas consequências o aproximavam dessa tradição, como indicado especialmente no comentário de Bernier.

O jovem psiquiatra parece ter reconhecido alguma pertinência nessa linha de recepção, que teria refletido em seus encaminhamentos teóricos, como admite em outro momento Roudinesco (2008), “a partir de 1932, ele teve acesso a um novo horizonte filosófico, num momento em que a celebração de sua tese pela vanguarda efetuava-se sobretudo sob o signo do surrealismo e do comunismo” (p. 91). Esse novo horizonte filosófico é o da tradição dialética que vai de Hegel a Marx. Inicialmente, isso se expressa na incorporação de um léxico marxista, que podemos encontrar em textos publicados logo após a tese. Em “O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência”, artigo que saiu no primeiro número da revista surrealista *Minotaure*, Lacan (1933/2024b) renova suas críticas à psicologia clássica situando o seu aparecimento “no apogeu da civilização burguesa”, o que a fizera “votar uma confiança ingênua ao pensamento mecanicista”. Nessas condições, o desenvolvimento dessa psicologia “desemboca, nas mais recentes psicofísicas, em abstrações funcionais, cuja realidade se reduz cada vez mais rigorosamente à única *medida do rendimento físico do trabalho humano*”. Ainda na mesma página, arremata sua crítica ao chamar essa psicologia de “*superestrutura ideológica*” (p. 88, grifos nossos).

Assim, vemos como, no texto que segue imediatamente à recepção política de sua tese, Lacan aparece como o crítico da ideologia que haviam reconhecido nele. Ao ser “propelido à cena política da extrema-esquerda intelectual” (Roudinesco, 2008, p. 87), sem assumir exatamente o personagem que lhe imputavam, Lacan não deixou de contracenar com seus leitores marxistas. Muito tempo depois desse primeiro encontro, o diálogo de Lacan com o materialismo histórico continuou influenciando em seu percurso teórico. O período mais fecundo dessa interlocução se deu no fim da década de 1960, quando Lacan (1968-1969/2008) se propôs a substituir a “referência exaltante à energética”, tão importante no modelo freudiano, “por uma referência à economia política” (p. 32). Mais precisamente, era à crítica marxiana da economia política que ele se referia, da qual tomou o conceito de mais-valia para formular o seu mais-de-gozar (Lacan, 1969-1970/1992). Indício de que a presença dessa tradição crítica em seu itinerário teórico não é um acontecimento meramente incidental.

Mas não foi somente a psicologia clássica que apareceu como uma construção ideológica logo depois da defesa de sua tese. Os conteúdos do delírio paranoico também recebem uma descrição semelhante em seu comentário sobre o crime das Irmãs Papin (Lacan, 1933/2024a): “o conteúdo intelectual do delírio nos parece, dissemos, uma superestrutura a um só tempo justificadora e negadora da pulsão criminosa” (p. 101). Comparar o conteúdo do delírio com uma superestrutura é um movimento curioso, que só pode ser compreendido considerando o

período seguinte do percurso teórico de Lacan. No fim de sua tese, o seu programa anunciado é o de revisar a teoria freudiana do narcisismo, que resultará na construção de uma nova teoria do Eu, que encontra uma formulação mais acabada em seu famoso “O estádio do espelho”. Nesse texto, ele formula o Eu como uma instância de desconhecimento e alienação à imagem especular do outro (Lacan, 1949/1998). O caráter dual dessa relação e a rivalidade implicada por ela fazem com que a estrutura do Eu seja marcada por uma tensão agressiva latente, sempre pronta a se precipitar quando o outro se revela por demais semelhante (Lacan, 1948/1998). A linguagem da dialética, apreendida em seu encontro com a filosofia hegeliana, mediada pelo ensino de Kojève, impregna toda a elaboração dessa teoria da constituição imaginária do Eu.

Não é difícil discernir nessas elaborações a estrutura paranoica estudada na tese: vemos as duplicações da imagem própria que só podem ser alvo de pulsões agressivas e o “conteúdo intelectual” que as justificam e garantem, em relação à sua intencionalidade, um desconhecimento sistemático. Mas há uma diferença decisiva: não é mais a psicose paranoica que aparece como patologia marcada pelo desconhecimento e a agressividade; fundamentalmente, é a estrutura normal do Eu do sujeito moderno que responde por esses predicados. A paranoia tão somente os revela de maneira privilegiada. É por isso que, quatro décadas após a publicação de sua tese, comentando sua reticência em autorizar uma nova edição, Lacan (1975-1976/2007) dirá que “se por muito tempo resisti que ela fosse novamente publicada foi simplesmente porque a psicose paranoica e a personalidade não têm, como tais, relação, pela simples razão de que são a mesma coisa” (p. 52).

Em continuidade com as proposições da tese, a gênese especular do Eu implica também a constituição de um mundo eminentemente humano, social e significativo, que mais tarde será relacionado à entrada do *infans* no registro simbólico. Daí que a relação do indivíduo moderno com a realidade social seja marcada por uma forma de alienação, com suas confusões especulares e vertigens iterativas. Numa intervenção no 1º Congresso Mundial de Psiquiatria, Lacan (1950/2003) afirmou que “o ego, síndico das mais móveis funções pelas quais o homem se adapta à realidade, revela-se a nós como uma força de ilusão ou mentira: é que ele é uma *superestrutura engajada na alienação social*” (p. 134, grifos nossos). Essa citação nos parece fundamental porque o conceito de alienação que aparece nela não é o da tradição psiquiátrica, nem o hegeliano ou kojéviano, nem mesmo o conceito propriamente lacaniano de alienação. É ao conceito marxiano que Lacan se refere nessa passagem. Não é à toa que aparece junto da imagem da superestrutura, remetendo à metáfora do edifício social empregada por Marx (1859/2024). Curiosamente, a citação continua com uma crítica à terapêutica breve de Franz Alexander, que não deixa de ressoar a metáfora marxiana: “ao se apegar, em sua técnica abreviada, à equalização das tensões do ego, o sr. Alexander pode fazer um trabalho de *engenheiro*” (p. 134, grifo nosso). Um engenheiro, nesse caso, é um edificador de ideologias do Eu.

Lacan (1986) propõe uma terapêutica analítica baseada não no fortalecimento do Eu, mas em algo muito mais próximo de sua demolição, que o levará a chamar a psicanálise de uma experiência dialética “no limite da despersonalização” (p. 25). Nesse sentido, situando-a historicamente, Safatle (2020) pontua que a teoria da constituição imaginária do Eu é também a resposta lacaniana ao problema eminentemente ideológico da adesão subjetiva

ao fascismo, com suas características identificações alienantes a figuras de liderança e seus cultos agressivos à violência. Por sua vez, Althusser (1964/1985) pôde ver no ensino de Lacan, análogo ao que a recepção política viu em seu trabalho de doutoramento, um empreendimento de “crítica ideológica” (p. 48) no interior da ortodoxia psicanalítica. Alguns anos mais tarde, o filósofo marxista chegaria a empregar a teoria lacaniana do imaginário como fundamento para sua teoria da interpelação ideológica (Althusser, 1970/1996). Com isso, a interpretação de Nizan, Bernier e Crevel sobre a tese não pode ser considerada uma leitura isolada entre os comentadores e interlocutores de Lacan.

Considerações finais

Em seu trabalho de estreia, Lacan não pretendia menos do que renovar a prática clínica da psiquiatria francesa com a psicose e fundar uma nova ciência para embasá-la, a ciência da personalidade. Dessa forma, buscava superar os impasses e aporias que paralisavam o desenvolvimento da psiquiatria como especialidade médica. Para tanto, mobilizou uma série de referências de diferentes campos do saber, da filosofia à sociologia e à antropologia, chegando à tradição psiquiátrica germânica e à psicanálise. Sendo a sua tese ao mesmo tempo eclética em suas referências, complexa em sua leitura e elevada em suas pretensões, a psiquiatria francesa, a quem ela especialmente se dirigia, manteve um silêncio quase tão completo quanto eloquente a respeito de suas proposições. Foram os artistas e os militantes políticos que, logo no primeiro momento, souberam escutar e reconhecer a novidade teórica esboçada por Lacan.

O caminho percorrido em sua tese de doutoramento, especialmente o encontro com o saber psicótico na forma de criação artística, permitiu que Lacan passasse da psiquiatria para a psicanálise. Nesse sentido, buscamos situar a recepção de seu trabalho *princeps* entre os fatores que influenciaram nos encaminhamentos seguintes de Lacan. Analisando especificamente a recepção política desse trabalho, constatamos que ela se realizou nos comentários de militantes ligados aos movimentos comunista e surrealista. Suas leituras destacaram principalmente dois aspectos do trabalho de Lacan: suas críticas às teorias clássicas da psiquiatria francesa, consideradas metafísicas por esses comentadores; e as relações que estabelecia entre as patologias que compõem a clínica psiquiátrica e as instituições características da sociedade capitalista. Assim, esses comentadores viram em Lacan um crítico da ideologia.

Formulamos a hipótese de que a recepção política da tese de Lacan pode ter sido parte dos fatores que levaram o psicanalista francês a construir, numa linguagem fortemente influenciada pela dialética, uma teoria da constituição imaginária do Eu que responde tão bem a problemas característicos do estudo crítico da ideologia. Problemas como o de regressões político-sociais periódicas, da adesão dos indivíduos às relações típicas das formações sociais capitalistas e dos desconhecimentos sistemáticos que marcam nossa inserção nessas realidades. Como escreve Roudinesco (2008), entendemos que Lacan “pusera-se à escuta da mensagem endereçada por Nizan, Crevel, Dalí e Bernier”, aceitando assim o “espelho que lhe estendia a vanguarda” (pp. 91-92). O primeiro capítulo da interlocução de Lacan com a

crítica social, sobretudo de extração dialética, portanto, não partiu do próprio psicanalista, mas de leitores de sua tese que a interpretaram sob o signo do comunismo e do surrealismo, iniciando assim um diálogo que continuaria produzindo resultados muitas décadas depois.

Referências

- Allouch, J. (1997). *Paranoia: Margueritte ou a “Aimée” de Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Althusser, L. (1985). *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1964).
- Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de estado: Notas para uma investigação. In S. Žižek (Org.), *Um mapa da ideologia*. (pp. 105-142). Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra original publicada em 1970).
- Anzieu, D., & Tarrab, G. (1986). *Une peau pour les pensées*. Paris: Clancier-Guénaud.
- Baudelaire, C. (1985). *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bernier, J. (1933). Compte rendu de lecture. *La critique sociale*, 2(9), 138-140. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://www.bibliotecaginobianco.it/flip/CRS/02/0900b/?#36>>.
- Breton, A. (1924). *Primeiro manifesto surrealista*. Marxist Internet Archive. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://www.marxists.org/portugues/breton/1924/mes/surrealista.htm>>.
- Crevel, R. (1933). Notes en vue d’une psycho-dialectique. *Le Surréalisme au service de la révolution*, 1(5). Recuperado em 02/06/2026 em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Notes_en_vue_d%E2%80%99une_psycho-dialectique>.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Elia, L. (2023). *A ciência da psicanálise: Metodologia e princípios*. São Paulo: Edições 70.
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da clínica* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1980).
- Lacan, J. (1986). *O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953-1954).
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1932).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário livro 3: as psicoses* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955-1956).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1948).
- Lacan, J. (1998). De nossos antecedentes. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 69-76). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).

- Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 152-194). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1946).
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1949).
- Lacan, J. (2003). Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In J. Lacan, *Outros Escritos*. (pp. 219-223). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2003). Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria. In J. Lacan, *Outros Escritos*. (pp. 132-135). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1950).
- Lacan, J. (2003). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In J. Lacan, *Outros Escritos*. (pp. 550-556). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1973).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário livro 23: o Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1975-1976).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1968-1969).
- Lacan, J. (2018). *O Seminário livro 21: os não-tolos erram/Os nomes-do-pai*. Porto Alegre: Editora Fi. (Obra original publicada em 1974).
- Lacan, J. (2024). Escritos “inspirados”: Esquizografia. In J. Lacan, *Primeiros Escritos* (pp. 61-86). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1931).
- Lacan, J. (2024a). Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin. In J. Lacan, *Primeiros Escritos* (pp. 95-107). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1933).
- Lacan, J. (2024b). O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência. In J. Lacan, *Primeiros Escritos* (pp. 87-93). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1933).
- Mariguela, M. (2007). *Psicanálise e surrealismo: Lacan, o passador de Politzer*. Piracicaba: Jacintha Editores.
- Marx, K. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1844).
- Marx, K. (2024). *Contribuição a uma crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1859).
- Nadeau, M. (1985). *História do surrealismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Nizan, P. (1933). Notes de lecture. *L’humanité*, 4. Recuperado em 03/06/2026 em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k404544b/f4.item>>.
- Ogilvie, B. (1991). *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editora Unimep. (Obra original publicada em 1928).
- Roudinesco, E. (1988). *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos* (Vol. 2, 1925-1985). Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. (1989). *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos* (Vol. 1, 1885-1939). Rio de Janeiro: Zahar.

- Roudinesco, E. (2008). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Safatle, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sartre, J. P. (2004). *Que é a literatura?* (3ª ed.) São Paulo: Ática. (Obra original publicada em 1948).
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.

Communists and surrealists: study on the political reception of Jacques Lacan's thesis

Abstract

Jacques Lacan's doctoral thesis in medicine, *On Paranoiac Psychosis in its Relations to the Personality*, published in 1932, was read and commented on by members of the communist and surrealist movements before receiving attention from the medical and psychoanalytic fields. In this article, we analyze the political reception of Lacan's thesis during the period of its publication, between 1932 and 1933, composed of three texts: *Notes de lecture*, by Paul Nizan; *Compte rendu de lecture*, by Jean Bernier; and *Notes en vue d'une psycho-dialectique*, by René Crevel. We note that all of these texts were written from the perspective of historical materialism and tended to read Lacanian propositions as a kind of critique of ideology in the fields of the scientific study of subjectivity. In this sense, we attempt to formulate the hypothesis that the political reception of his thesis would have been part of the factors that influenced some of Lacan's theoretical developments, especially the elaboration of his theory of the imaginary constitution of the I.

Keywords: Lacan. Psychoanalysis. Politics. Ideology.

Comunistas y surrealistas: estudio sobre la recepción política de la tesis de Jacques Lacan

Resumen

La tesis de doctorado en medicina de Jacques Lacan, *De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*, publicada en 1932, fue leída y comentada por integrantes de los movimientos comunista y surrealista antes de recibir atención de los campos médico y psicoanalítico. En este artículo, analizamos la recepción política de la tesis de Lacan en el período de su publicación, entre 1932 y 1933, compuesta por tres textos: *Notes de lecture*, de Paul Nizan; *Compte rendu de lecture*, de Jean Bernier y *Notes en vue d'une psycho-dialectique*, de René Crevel. Constatamos que todos estos textos fueron escritos desde la perspectiva del materialismo histórico y tendieron a leer las proposiciones lacanianas como una especie de crítica de la ideología en los campos del estudio científico de la subjetividad. En este sentido, intentamos formular la hipótesis de que la recepción política de su tesis habría sido parte de los factores que influyeron en algunos de los encaminamientos teóricos de Lacan, especialmente la elaboración de su teoría de la constitución imaginaria del Yo.

Palabras clave: Lacan. Psicoanálisis. Política. Ideología.

Comunistes et surréalistes: étude sur la réception politique de la thèse de Jacques Lacan

Résumé

La thèse de doctorat en médecine de Jacques Lacan, *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, publiée en 1932, a été lue et commentée par des membres des mouvements communiste et surréaliste avant de recevoir l'attention des champs médical et psychanalytique. Dans cet article, nous analysons la réception politique de la thèse de Lacan à l'époque de sa publication, entre 1932 et 1933, composée de trois textes : *Notes de lecture*, de Paul Nizan ; *Compte rendu de lecture*, de Jean Bernier et *Notes en vue d'une psycho-dialectique*, de René Crevel. Nous constatons que tous ces textes ont été écrits du point de vue du matérialisme historique et ont eu tendance à lire les propositions lacaniennes comme une sorte de critique de l'idéologie dans les domaines de l'étude scientifique de la subjectivité. Dans ce sens, nous essayons de formuler l'hypothèse que la réception politique de sa thèse aurait été une partie des facteurs qui ont influencé certains des développements théoriques de Lacan, en particulier l'élaboration de sa théorie de la constitution imaginaire du Moi.

Mots-clés: Lacan. Psychanalyse. Politique. Idéologie.

Submetido em: 07/07/2025

Revisão em: 14/12/2025

Aceito em: 14/12/2025